

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35800	18900	5950	5120
Possessões ultramarinas, (idem).....	45000	25000	-5-	-5-
Estrangeiro (união geral dos correios).	55000	28500	-5-	-5-
Brazil (moeda fraca).....	155000	78500	-5-	-5-

5.º ANNO — VOLUME V — N.º 118

1 DE ABRIL 1882

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

SUMMARIO

TEXTO — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Estabelecimentos Scientificos de Portugal, Observatorio Astronomico da Escola Polytechnica de Lisboa, R. — Salão de Quadros, MONTEIRO RAMALHO — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, R. — As nossas gravuras — Uma tourada em Lima nos tempos coloniaes, FRANCISCO D'ALMEIDA — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

GRAVURAS — Estabelecimentos Scientificos de Portugal, Observatorio Astronomico da Escola Polytechnica de Lisboa — Salão de Quadros — Estudo de Paisagem, Setubal — Cabeça de Gato — O caminho do Pinhal, Pal-

mella — Costume, estudo do natural — Elle e ellas — Costume da campanha romana — Cedros, paisagem de Leiria — Grande canal, Veneza — No passeio da Estrella — O brejo — Convento de Santa Clara, Santarem — João Paulo Cordeiro — Africa Portuguesa, Ruínas de uma igreja portugueza (cathedral) em S. Salvador do Congo — Baixo relevo encontrado em Elvas — Maclean, auctor attentado do contra a rainha Victoria.

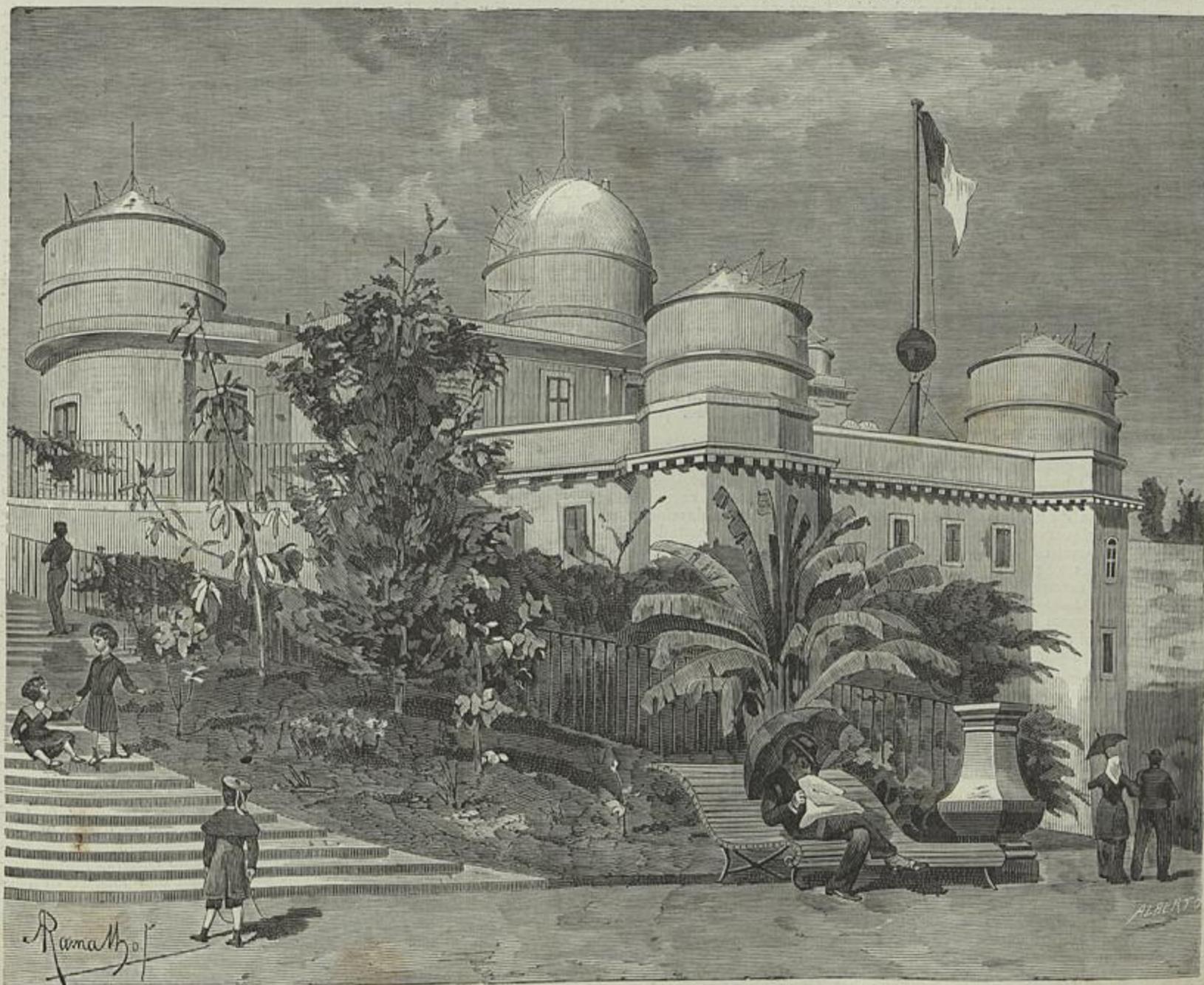
CHRONICA OCCIDENTAL

Um dos acontecimentos dominantes dos ultimos dias, foi a morte do riquissimo capitalista o sr. João Paulo Cordeiro.

Nós que tantas vezes temos registado aqui a morte de estadistas, de poetas, de litteratos, de artistas, de homens, em suma, que pelo seu talento se tornaram notaveis na nossa terra, em qualquer das esferas da actividade humana, e que um dia sequer que fosse foram coroados pela gloria, pela fama ou pela popularidade, temos hoje que registar a morte d'um homem a quem essa popularidade coroou exactamente no momento em que elle deixava de existir: a morte do sr. Paulo Cordeiro.

No dia 21 de março, ás 4 horas da tarde, a praça do Principe Real estava coalhada de povo, como n'um dia de procissão ou de qualquer ruidosa solemnidade publica.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL



OBSERVATORIO ASTRONOMICÓ DA ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA (Desenho do natural de A. Ramalho)

Em torno d'uma casa côr de rosa, grande e apalaçada, que enche todo o quarteirão entre a praça do Príncipe Real e a rua da Procissão, a multidão era tanta, que se tornava difficil a passagem.

Toda aquella gente queria vêr saír o caixão em que fã fechado o corpo embalsamado do rico millionario, que n'ella morava.

Era uma casa excentrica, essa casa côr de rosa. Era elegante, rica, mas apesar da côr risonha das suas paredes, tinha um aspecto lugubre, sinistro, silencioso, que fazia impressão. Tinha o seu não sei que de tumulo.

Aquellas janellas altas, de grandes vidros espedhados, estavam sempre hermeticamente fechadas.

Não transpirava, cá para fóra, o ruido alegre da vida, o movimento animado d'uma casa habitada. De vez em quando, parava um trem á porta, apeava-se um homem de parecer severo, carregado, barbas brancas em leque, bigode rapado, escanhoado, como um medico ou um negociante dos antigos tempos, uma cara antiga, a porta abria-se, fechava-se sobre elle, e a casa recaía no mesmo silencio lugubre, mortuario.

Por detrás dos vidros d'aquella janella nunca se via a cara alegre d'uma criança, um rosto de mulher, uma physionomia humana! Ninguem, sempre ninguem!

Era uma casa mysteriosa, uma casa de romance sinistro.

E não obstante, dentro d'aquella casa morava uma das maiores fortunas de Lisboa.

O proprietario tambem era pouco conhecido na sociedade, que se conhece, de Lisboa, n'essa sociedade que passeia, que anda pelos theatros, pelos bailes, pelas festas, n'essa sociedade em que se encontram, se avistam e se acotovellam todas as personalidades salientes da nossa multiplice vida.

Fóra do mundo industrial e d'um limitado circulo de amigos intimos, ninguem conhecia pessoalmente João Paulo Cordeiro.

Entretanto, se o homem era pouco conhecido, o nome era-o muito; mas muito mais pela fabrica de tabacos que o adoptara, do que pelo homem que lh'o dera, e apesar da sua enorme riqueza, o nome de João Paulo Cordeiro nunca se espalhou pelo paiz como um synonymo de rico legendario, como o do barão de Quintella, porque essa colossal fortuna nunca se accentuou em manifestações brilhantes e ruidosas, em festas principescas ou em acções desusadas—como por exemplo a de seu pae, comprando o celebre canhão para o cerco do Porto—n'essas festas e n'essas acções que deslumbram as multidões e se impõe ao seu espanto, quando não á sua sympathia. De repente João Paulo Cordeiro morre e á popularidade aureola-lhe o seu caixão e faz da sua morte um acontecimento.

Como se explica esta reviravolta na opinião publica? Como se explica que o povo que ao ter a noticia da morte de João Paulo Cordeiro encolhera indifferentemente os hombros, murmurando apenas—«É um rico de menos,»—e no dia immediato se agglomerasse em torno do feretro, e acompanhasse com todos as suas sympathias, o morto que na vespera lhe era apenas um indifferente?

A explicação é logica e justifica plenamente o grande bom senso instintivo da popularidade: a explicação é o testamento.

A grande massa do publico importa pouco, os milhões que qualquer amontoa no canto dos seus cofres, enquanto esses milhões empregando-se em grandes obras de utilidade publica não entram por assim dizer no bem commum.

Na vida o sr. João Paulo Cordeiro, foi unicamente um industrial feliz, um capitalista opulento, na morte foi um benemerito: a sua enorme riqueza espalhou-se por estabelecimentos de beneficencia, repartiu-se por particulares, dividiu-se pelos pobres, e começou a realizar um dos principios do socialismo na industria, interessar o trabalhador nos lucros do trabalho, associando em cento e vinte contos de réis os operarios da sua fabrica, nos lucros da sua fabrica.

E foi por isto que a sympathia popular se voltou para elle, e que o seu enterro foi um acontecimento publico.

— Temos sobre a nossa mesa dois livros interessantissimos, em generos completamente oppostos, e um dos quaes já o leitor do OCCIDENTE conhece com certeza: o *Districto de Lourenço Marques, no presente e no futuro*, por Augusto de Castilho, ex-governador de Lourenço Marques, intelligentissimo official da Marinha Portuguesa a quem o OCCIDENTE deve muitos dos seus mais interessantes artigos sobre as nossas possessões n'Africa, e as *Meridionaes* o primeiro volume de versos d'um rapaz de muito talento, Marcelino

de Mesquita, estudante da Escola Medica de Lisboa.

São completamente incompativeis com a indole, e com o espaço da nossa chronica, os estudos bibliographicos, e por isso limitamo-nos apenas a indicar esses dois novos e interessantes livros ao bom gosto dos nossos leitores: um, o estudo curiosissimo feito com todo o conhecimento que dá a experiencia, e o bom criterio que dá uma intelligencia clarissima, e um espirito muito illustrado, sobre uma das possessões portuguezas mais importantes, aquella em que mais se tem fallado n'estes ultimos tempos, e que fez em Portugal uma verdadeira questão politica e nacional, o segundo é o accordar d'um poeta notabilissimo, d'um dos talentos mais gentis da moderna geração litteraria, talento affirmado já brilhantemente por um trabalho de grande folego, que denota em Marcelino de Mesquita não só um talento notavel, mas tambem um trabalhador audaz, um drama historico em verso, representado por curiosos, ha poucos annos, no theatro de D. Maria, *D. Leonor Telles*.

— Finalmente cantou-se no theatro de S. Carlos a opera *d'Obligo*, que por concessão especial do governo, e só por esta vez e sem exemplo, como diz o despacho do ministro, foi uma opera portugueza, a *Beatriç* do sr. Guimarães.

A maneira porque o despacho foi feito destruiu completamente as illusões d'aquelles que pediram que o artigo do contracto fosse alterado em proveito da arte nacional; não foi uma protecção á arte portugueza a alteração do contracto, foi simplesmente um favor particular, uma porta que se abriu e se fechou logo em seguida.

A empreza de S. Carlos empregou todos os seus esforços para que a peça portugueza morresse logo á nascença; e depois de conseguir que ella se apresentasse em substituição ao *Lohengrin* ou á *Joconda*, temendo que o publico tivesse o bom senso patriotico de não exigir d'um *debutante* que igualasse a um maestro de fama europêa, embora se apresentasse substituindo-o, obrigado a isso pela empreza, arranjou as cousas de maneira que embora a *Beatriç* tivesse um grande successo, morresse na noite immediata.

A epocha lyrica acaba em 31 de março e a opera subiu á scena pela primeira vez na noite de 29!

Resultou d'ahi, que a opera, tivesse o successo que tivesse, só poderia ir duas vezes, porque a sr. Cepeda não canta duas noites a fio, e ainda mais; que para ir á scena nas condições deploraveis em que foi, deveu-o á amabilidade dos artistas que roucos, doentes, e mais evidentemente estavam o sr. Kaschmann, e a sr.ª Gini, se sacrificaram a cantar assim mesmos, para que a opera do maestro portuguez não se deixasse de representar.

E em vista d'isso, e com sacrificio enorme e raro, de dois notaveis artistas, a opera appareceu toda mutilada, com as peças principaes cortadas, ou apenas cantadas a meia voz!

Que condições para uma estreia!

É inteiramente impossivel n'estas condições formar qualquer juizo sincero sobre uma obra d'arte.

Entretanto do que se ouviu ficou-se sabendo que o sr. Frederico Guimarães é um compositor muito apreciavel, e que a *Beatriç* se não tem esses grandes rasgos de talento, que arrancam os loucos enthusiasmos, é uma estreia muito auspiciosa, e promettedora.

O publico foi muito justo e teve muito bom senso, não tornando o sr. Guimarães responsavel pela situação grave em que o collocou a empreza, e fez-lhe uma ovação ruidosa, e merecida, porque não são tantos os *maestros* na nossa terra que não se deva acolher com jubilo excepcional todo aquelle que mostra vocação, e que trabalha com vontade.

Folgamos muito sinceramente com a recepção que a platêa de S. Carlos fez ao sr. Frederico Guimarães, e fazemos votos para que essa recepção lisongeira seja o prologo das ovações triumphaes que esperam no futuro o novel maestro, se'elle continuar a trabalhar com a tenacidade e a felicidade, que nos dá todo o direito a esperar as promessas da sua estreia.

A empreza de S. Carlos houve por bem economisar uma scena nova no primeiro acto, fazendo dos dois quadros que o libelto marca, um quadro apenas.

Faz ella muito bem, visto que lh'o deixam fazer.

Algumas das scenas novas pintadas pelo sr. Manini, são de bello effeito, sobre tudo a ultima e foram muito justos os applausos repetidos com que o publico festejou o illustre artista.

Os cantores encarregados dos principaes papeis

da *Beatriç* houveram-se com muito boa vontade e com talento sobresaindo a sra. Cepeda, que tem na *Beatriç* o seu mais notavel triumpho n'esta epocha.

Gervasio Lobato.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

OBSERVATORIO ASTRONOMICICO

DA

ESCOLA POLYTECHNICA

Damos hoje em gravura a fachada do observatorio astronomico, fundado ha poucos annos na Escola Polytechnica de Lisboa, sob os auspicios do illustre professor o sr. Marianno de Carvalho, e que é um dos estabelecimentos scientificos de Portugal mais bem montado e mais em dia com todos os modernos progressos da sciencia.

Vamos fazer uma rapida descripção da disposição d'esse edificio e dos instrumentos astronomicos mais notaveis que elle já contém.

O primeiro plano ou o plano do jardim, compõe-se:

1.º De um subterraneo para arrecadação, com uma casa convenientemente preparada para abrigar as pendulas reguladoras de tempo syderal e de tempo medio; aquella é de Cooke & Son, de York, e esta é de Lepaute, e estava anteriormente no Observatorio de Marinha.

2.º D'um *rez-de-chaussée*, que contém um vestibulo e seis casas, a saber:

- Casa do telegrapho electrico, que liga o observatorio com o da Tapada;
- Casa do circulo mediano;
- Casa de entrada para a cupula central;
- Gabinete do professor;
- Aula de astronomia;
- Casa para guardar fato.

A casa do circulo meridiano, toda forrada de mahogano da Guiné e teka, contém uma pendula electrica de tempo medio e pendula electrica syderal, que podem ambas transmitir o tempo aos chronographos: chronographo de Cooke, registando o tempo sobre uma fita de papel—systema dos apparatus telegraphicos Morse—e dando facilmente centesimos de segundo; chronographo de Breguet, com regulador de Yvon-Villarceau, cylindro horizontal, registando com exactidão centesimos de segundo, e approximadamente millesimos; circulo mediano de Repsold, com objectiva de 3 1/2 pollegadas e circulo graduado com gradação até 4 minutos, que pôde ser lida por 4 microscopios micrometricos até 4 segundos, instrumento que pertencia ao Observatorio de Marinha.

Ao sul d'essa casa está disposta uma lente de collimação com 99 metros de distancia focal, fabricada por Merz, de Munich. Ao norte, um collimador horizontal de Repsold, com 2 pollegadas de abertura, para determinar o ponto zero do circulo meridiano.

Na casa de entrada para a cupula central ha, sobre uma mesa de ferro, um zygometro de Repsold, cuja gradação dá exactamente segundos. Para a aula de astronomia ha no observatorio os seguintes instrumentos antigos:

- Um planetario construido no arsenal do exercito, sob a direcção do padre Theodoro de Almeida e offerecido a D. João VI;
- Dois quartos de circulo provenientes do observatorio do Collegio dos Nobres;
- Um theodolito construido em Londres pelo artista portuguez Marques Loureiro, sob a direcção de Ramsden;
- Um circulo repetidor que serviu nas primeiras observações geodesicas em Portugal;
- Dois globos, um astronomico e outro geographico, offerecidos pelo sr. José Ribeiro da Cunha.

Sobre o *rez-de-chaussée*, de que estamos fallando, ha tres cupulas.

A cupula do norte é um cylindro de alvenaria, rematado por uma cupula cylindro conica de ferro forrado de madeira. Está n'ella assent: um parallactico de seis pollegadas e meia de abertura de Repsold, proveniente do Observatorio de Marinha. A lente de Steinhil não pode servir para determinações absolutas mas serve para as relativas, e para observações spectroscopicas para as quaes possui tambem o observatorio tres spectroscopios, um solar de Browning com movimento automatico e cinco prismas que, por effeito d'uma reflexão total no quinto prisma trabalham como dez, um estellar tambem de Browning, com movimentos automaticos, dois

prismas e micrometro que mede distancias de raios até $\frac{1}{10000}$ de pollegada ingleza: e um spectroscopio de visão directa, de Merz, que pode servir para o sol e para as estrellas.

Para o serviço d'este parallactico ha uma ca-deira escada.

A cupula central é de maior diametro que as outras duas, e a sua cupula é cylindro hemispherica; esta cupula é destinada especialmente ao grande equatorial photographico de 11 pollegadas de abertura, fabricado nos Estados Unidos pelo celebre optico Alvan Clark, sob a direcção de Lewis M. Rutherford, instrumento que pôde servir tambem para observações opticas, adoptando-se-lhe uma lente adicional de flinte para as photographias.

A cupula do norte é igual á do sul e destinada a uma excellente luneta de passagem portatil, construida pelo fabricante Repsold, com objectiva de 2 $\frac{1}{2}$ pollegadas, systema d'inversão rapida, instrumento para trabalhar principalmente no primeiro vertical.

Além dos instrumentos mencionados o observatorio astronomico da escola polytechnica possui mais:

Uma luneta astronomica de 5 pollegadas de abertura, construida por Alvan Clark, cuja lente é magnifica.

Uma pequena luneta astronomica de Dollond, com pollegada e meia d'abertura e proveniente do Observatorio de Marinha.

Um pequeno telescopio newtoniano de espelho metallico construido por Nairne.

Um grande spectroscopio de Browning, com quatro prismas e movimento automatico, para observações physicas chemicas.

Um condensador electrico, um regulador de luz electrica para experiencias spectroscopias, uma lanterna para projecções de spectros e lanterna magica, um spectographo para traçar os raios do spectro, varios aparelhos e utensilios accessorios do spectroscopio, etc.

No mesmo plano do *rez-de-chaussée* existe um grande terraço, tendo nos angulos duas cupulas, que servem para collocação d'instrumentos portateis e no meio da cortina que olha para leste, e domina a parte central e oriental da cidade ha um pequeno canhão, que não funciona ainda, mas que é destinado para marcar com um tiro a uma hora da tarde, e um mastro com um globo, que cairá á mesma hora.

Por baixo do observatorio ha para o lado leste dois andares e lojas que servem para bibliotheca, officinas, gabinetes, e habitação dos empregados.

R.

SALÃO DE QUADROS

V

Na correria estouvada d'um ultimo artigo, vão agora desfilar os quadros escolhidos de mais seis artistas, uns já conhecidos e apreciados, outros que principiam e se apresentam d'um modo muito sympathico e revelador.

Está entre estes o sr. Vaz, cujas disposições francas para paisagista, se accentuam vigorosamente no quadro *Caminho no Pinhal* (n.º 70). É sobretudo bem tocado o largo caminho que se abre por entre as fileiras regulares dos altos pinheiros bravos, desaparecendo lá ao fundo, n'uma curva quasi imperceptivel, sob as ramarias espessas d'um grupo de pinheiros novos, o tom verdejante das quaes pecca por demasiadamente crú. Tambem, é este o unico defeito que se pode notar n'aquella soberba tela, mesmo esmiuçando escrupulosamente todos os detalhes variados da sua execução. O sol passa a custo por entre as ramarias escuras, que se unem quasi em fresca abobada, rumorosa e tosca; mas o luminoso estroina importa-se pouco com o obstaculo impotente d'aquellas espessuras confusas e erriçadas d'agulhas, introduz-se hilarantemente pelas aberturas mais estreitas, e vae pinchar pelos troncos armados d'esgalhos, e pelo chão todo coberto d'agulhas sêccas e pisadas, em manchas claras que se accendem irregularmente por uma parte e por outra, fortes retalhos de luz que alegremente rasgam a monotonia verdeneira do pinhal deserto. São perfeitas a exactidão espontanea dos tons, e a largueza decidida com que todo o quadro foi tocado.

Entre outros quadros de paisagem, Vaz expôz tambem uma marinha intitulada a *Benção da rede*, grande tela que se recommenda principalmente por uma sinceridade d'execução, propria d'um feliz observador impressionista.

O leitor conhece naturalmente o nome do sr. João Christino, desenhador e gravador distincto, que frequentemente apparece aqui pelas paginas visinhas; mas talvez ignore que esse bello rapaz, que apenas começa a pintar, apresentou entre outros um estudo muito notavel, tomado no Passeio da Estrella (B). É um canteiro de verduras tratado pelo municipio carinhoso, muito escovadinhas e muito monotonas, na sua quasi uniformidade de tons escuros; Christino soube graduar bem a pouca differença que entre elles ha, e fugiu habilidosamente do toque minucioso e mesquinho, que aquellas confusas folhagens miudas de roseiras, o poderiam levar a commetter, criminosamente! No inverno, a verde tristeza dura das pobres roseiras é só alegrada por umas rosas muito raras, mas d'uma cor viva, que vem pôr manchas tremulas no lago d'aguas esverdeadas, que ondulado mansamente cercam o canteiro, todas sulcadas de sombras de troncos e folhas seccas. Estas aguas são perfeitamente tocadas e d'uma transparencia magnifica, rivalisando em verdade com a execução tão feliz do enorme amontoamento emmaranhado de troncos nus, dos grandes arvoredos que se estendem por traz das verduras frescas do primeiro plano. O azul do céu, um azul pallido e doente, por onde se espalham algumas nuvens esfarrapadas, vem pôr nas aguas quietas uma claridade vaga, que o artista observou bem.

Vê-se claramente que Christino tem um bello estofô d'artista, e que entregando-se com amor ao estudo persistente da grande natureza difficil, exigente, ha de conseguir trazel-a á vontade para as suas telas, — aos pedaços, sem grandes resistencias obstinadas.

O sr. Vieira, outro rapaz de talento, expôz só dois estudos, um dos quaes é a pequena paisagem, *Cedros, Leiria* (n.º 72). Uma extensão, muito bem tocada, de relvas encharcadas de chuva, onde se levantam uns cedros velhos de troncos excetricos, retorcidos e angulosos, e cujas ramarias tristonhas se juntam agradavelmente n'uma curva de negras verduras esburacadas. São bem achados os tons geraes, e impressionam-me aquelles ramos pendentes, um tanto semelhantes a curtas cabelleiras desgrenhadas e lamentosas, sopradas por um vento aspero de desgraça...

Vieira tem alguns trabalhos d'esculptura, bastante notaveis e cheios de promessas largas; agora, enterrado n'uma boa mandrice provinciana, entrega-se gostosamente ao estudo attraente da pintura, com um proveito que me faz receiar que elle se esqueça ingratamente da esculptura. Mas ao mesmo tempo consola-me a idéa risonha, de que a alma boa do artista ha de saber dividir pelas duas um dedicado amor profundo, com uma sympathica igualdade caridosa.

Fugindo habilmente da sua antiga educação artistica, Gyrão apresentou-nos, entre varios estudos de paisagem, dois bellos quadros dos seus assumptos predilectos — pequenos animaes travessos, e gallinaceos vistosos. É delicioso o quadrinho *No jardim* (n.º 11), em que a cabeça animada d'um gato apparece emmoldurada n'uma confusão de pequenas folhas, coloridas e recortadas, por onde um insecto lindo vae passeiando socegradamente. O bicho está como que espantado diante do pintor que o retrata, e abre fixamente os seus grandes olhos, d'um amarello luzente e humido; e tanto estes magnificos olhos, que parecem inundados d'uma lagrima de topazio translucido, como toda a cabeça do gato, de bigodes espetados e pello branco e fino, estão tocados com uma frescura encantadora.

Era certamente mais difficil a execução do outro quadro, representando um rancho de gallinhas presididas pelo gallo respectivo, e cujo titulo synthetisa amôres de capoeira — *Elle e ellas* (n.º 6). A ranchada pacifica está n'uma loja enorme, de paredes e chão limpinhos demais; sobre o primeiro plano cae um forte raio de luz, que faz sobresair discretamente os tons brancos e amarellos das pennas d'umas gallinhas gordas, que estendem as cabeças armadas de vermelhas cristas caidas, n'uma especie de sobresalto, todas attentas, em quanto que uma outra, pedrez, depinica despreoccupadamente uma folha de couve, — que, entre nós, parece de metal. Ao pé d'ellas, o gallo soberano empra-se no seu papo saliente, burguez e satisfeito, bem saciado de milho e de odaliscas cacarejantes; no fundo escuro, á esquerda, outras gallinhas passeiam, distraem-se; e á direita, sobre uma escada suja, ha uma franga aninhada e outra que em pé avança astutamente o bico voraz contra um insecto. Se por vezes o toque foi hesitante, demorado e indeciso, em certos pontos aliás menos importantes e accentuados do quadro, a verdade, comtudo, é que ha n'elle

tudo uma observação profunda e sincera dos costumes, posições e feitios das gallinhas, e uma arte notavel na distribuição embarçosa das cores, em todas as nuances imperceptiveis das pennas amarellas, brancas, cinzentas, pretas, verdes nas caudas, e que n'algumas gallinhas estão tocadas com uma felicidade rara e uma soberba justeza dos tons afinados.

(Continua)

Monteiro Ramalho

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XIV

Entremos na sala D a maior e mais ampla do edificio.

Ao principio estava disposta de outra maneira, hoje foi convertida em exposição de louças.

Aos cantos quatro grandes troncos de pyramide conica em degraus sustentam e appresentam bastas collecções de louças de todos os tamanhos e feitios; por toda a parte se acham dispostas outras peças da mesma natureza.

Desde a chavena e pires mais humilde até ás grandes jarras, ás bacias, aos grandes vasos, tudo ha a ver, e não é em poucas palavras que se pôde dar conta de tanta profusão, de tanta coisa bella, de tanta peça curiosa.

As paredes d'essa sala estão além d'isso adornadas por pinturas, algumas de primeira ordem e ha de um lado um grande aparador, ou armario de bellissimo trabalho.

Do lado opposto porém ha coisa que atrahe mais a nossa attenção, que satisfaz mais o nosso gosto.

Uma comprida e estreita banca ou balcão envidraçado encerra em seu pequeno espaço preciosidades, que nem todo o valor da louça da sala sommada dez vezes, seria capaz de pagar.

Uma collecção de livros illuminados esconde essa vidraça. Pertence o mais antigo ao seculo XII e o mais moderno ao seculo XVII. Essa pequena collecção, pequena como é, serve como está a muito melhor estudo do que todas as outras collecções das exposições.

Desde os rudes desenhos do presbytero Egas (seculo XII) intercallados nos commentarios do Apocalypse, até aos formozissimos desenhos e pinturas de Estevam Goncalves, no seu famoso Missal, que serie de trabalhos! que passos progressivos na arte!

Vê-de-me o *Livro de Horas* do uso del-rei D. Duarte; o *Liber sententiarum* de Pedro Lombardo, offerecido a D. João II; comparae, jovens formosissimas, comparae damas esplendidamente gentis a belleza dos desenhos, das illuminuras do livro da rainha D. Leonor, com esses livros frios e seccos por onde hoje resaes; e vêde que inspiração não saltaria a mente dos cavalleiros da corte de D. Affonso V, D. João II D. Manuel, e D. João III. ao verem as suas damas passar entre os dedos rosados, aquellas brilhantes paginas onde o espirito do homem deixou impresso o sello do seu trabalho e gosto!

Alli tendes tambem a Biblia de Belem e outra judaica do seculo XVI, curiosos e notaveis codices.

Olhae bem essas paginas, e que o fulgor dos metaes, o bordado das sedas e o lavrado dos moveis, vos não faça esquecer esses soberbos livros, complemento da crença e manifestação religiosa da idade media.

XV

Antes de passarmos adiante, não podemos deixar de fazer uma observação passageira.

Todas estas salas que percorremos e as que veremos são abundantes de paramentos e objectos relativos ao culto. Vimos uma carta de Carlos Yriarte, o illustre escriptor francez, em que dizia nunca ter visto reunidas tantas e eguaes maravilhas, e que a exposição era digna do paiz; mas por que será que entre tanta riqueza se não encontram paleos e umbellas? Descobrimos uma d'estas, é verdade, na sala O, mas porque não terá companheiras essa *avis rara*?

Será porque estes objectos, que servem mais vezes e mais vezes se expõem ao tempo, não tenham podido conservar-se com o mesmo cuidado que os seus companheiros, casulas, frontaes, véus de hombros, etc.; ou porque não haja n'este genero coisa que valha a pena expôr-se?

(Continua)

R.



32



11



70



20



6



60



72



63



B



18



A

AS NOSSAS GRAVURAS

JOÃO PAULO CORDEIRO

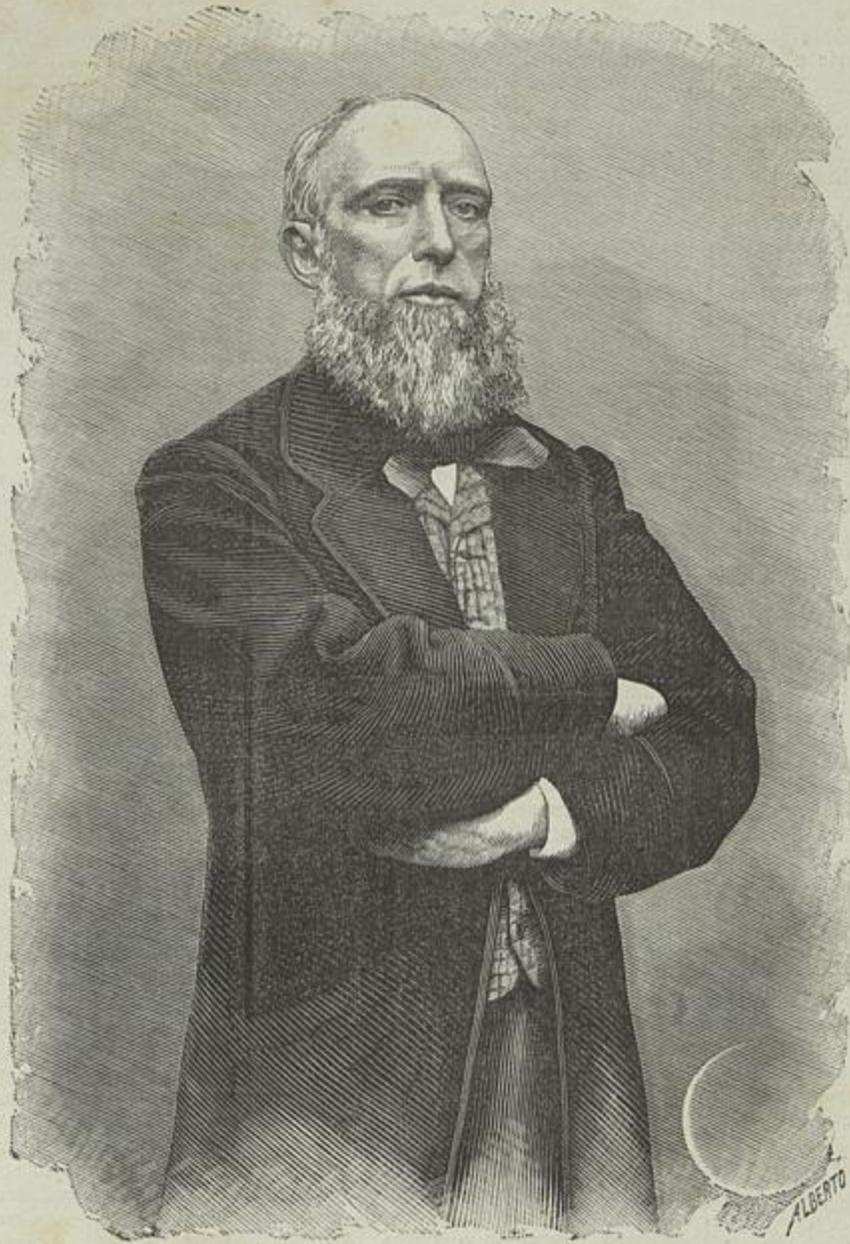
Foi um trabalhador infatigável e foi um benemerito; estas duas afirmações encontram-se na sua vida e no seu testamento. A sua vida deu-lhe a riqueza, o seu testamento deu-lhe a popularidade, e como trabalhador austero e como benemerito o seu retrato tinha o seu lugar nas páginas do OCCIDENTE, quando ali o não collocasse o ruído enorme que se fez em torno do nome de João Paulo Cordeiro depois da sua morte, e que fez d'essa morte um acontecimento da nossa terra.

Para acompanhar esse retrato que hoje damos aos nossos leitores, vamos esboçar rapidamente a biographia d'esse homem que soube á custa de perseverança no trabalho, guiado por uma felicidade que nem a todos sorri, juntar nos seus cofres uma riqueza colossal, uma das primeiras do nosso paiz.

João Paulo Cordeiro nasceu em Lisboa a 6 de fevereiro de 1821, e tinha portanto pouco mais de 61 annos d'idade.

Seu pae, João Paulo Cordeiro, era um dos mais fanaticos proselitos do miguelismo, e nas gigantescas luctas do memoravel cerco do Porto, elle já notavel pela sua riqueza e sendo um dos mais opulentos contractadores do tabaco, tornou-se celebre pelo brinde enorme que fez, a D. Miguel, para combater os seus inimigos.

Esse brinde era uma peça de artilheria de tamanho colossal, que ficou celebre na historia das guerras da liberdade pelo nome de «peça João Paulo Cordeiro»; uma peça de calibre gigantesco cujo transporte de Lisboa para o Porto custou um trabalho enorme, arrazando um sem numero de juntas de bois que transportaram aquelle immenso pezo pelas pessimas estradas, que então



JOÃO PAULO CORDEIRO (Segundo uma photographia de Schenk)

eram o caminho entre Lisboa e Porto.

N'essa peça puzeram ao principio os miguelistas todas as esperanças de victoria: imaginavam que mal ella chegasse em frente do Porto a cidade seria arrasada, se não se rendesse logo pelo terror.

João Paulo Cordeiro Junior, muito novo n'esse tempo em que seu pae gastava a sua immensa fortuna na compra d'essa machina de guerra, que foi completamente inutil á causa que defendia, foi para Londres e dahi partiu pobre para o Rio de Janeiro, em 1840, porque seu pae morrendo, deixou-o na pobreza, obrigando a ganhar laboriosamente, pelo seu trabalho, o pão de cada dia.

Chegado ao Brazil, de pouco ou nada serviu a João Paulo Cordeiro a primorosa educação que recebera nos collegios de Londres, e para viver ahi, teve que ir trabalhar como operario para uma fabrica de tabacos.

Entretanto a boa estrella de João Paulo Cordeiro velava por elle, e o pobre operario encontrou logo um homem rico, eccentrico, que havia de ser o seu mais intimo amigo, o dr. Caetano José Ferreira de Moraes que lhe confiou sem mais nem mais, apenas por conhecer as aptidões laboriosas do joven operario, vinte contos de réis para trabalhar por sua conta.

Em poucos annos João Paulo Cordeiro apresentava-se a pagar ao dr. Moraes a sua divida, e mais 50 contos de réis, que, representavam os lucros da fabrica de rapé que com esses vinte contos fundára.

O dr. Moraes não quiz acceitar os lucros, e João Paulo Cordeiro ficando só com a fabrica fel-a prosperar rapidamente, tirou d'ella lucros consideraveis, lucros com que, mais tarde, quando o seu bemfeitor estava inebido pela demencia de trabalhar

AFRICA PORTUGUEZA



RUINAS DE UMA EGREJA PORTUGUEZA (CATHEDRAL), EM S. SALVADOR DO CONGO (Segundo uma photographia)

lhe pagou em disvellos d'amisade e rodeando-o d'um bem estar completo, a divida de gratidão que para com elle contrahira.

Em 1855 possuidor já d'uma grande riqueza João Paulo Cordeiro regressou á patria e aqui, não deixando um momento de trabalhar, fundou com José Maria Eugenio a fabrica de tabacos de de Santa Apollonia com o nome de companhia Lisbonense de Tabacos. Mais tarde esta companhia fundiu-se com a de Xabregas prosperando sempre e dando grandes lucros.

Ao mesmo tempo João Paulo Cordeiro comprara muitas propriedades importantes, e mantinha no Brazil a sua fabrica de rapé, actualmente sita em Andarahi (arrabalde do Rio de Janeiro), e os juros enormes do seu já enorme capital iam aumentando dia a dia essa riqueza colossal.

Finalmente a morte repentina, a ruptura d'aneurisma, surpreendeu-o no dia 19 de março n'uma casa em que elle vivia ha dias na Praça do Principe Real, fugindo de sua casa na mesma praça, por medo do contagio da variola que atacou uma das suas creadas.

João Paulo Cordeiro apezar do seu aspecto bisonho, era um homem agradável, muito instruido, muito caridoso, não querendo fazer alarde da sua riqueza—sabe-se agora que o subscriptor anonymo de quinhentos mil réis para os Albergues Nocturnos fora elle—amigo dedicado dos seus amigos, e um verdadeiro pae para suas irmãs que o estremeciam.

O caracter de João Paulo Cordeiro reservado em vida, e quasi desconhecido, revelou-se completamente no seu testamento, a obra d'um caracter serio, honrado, benemerito, que distribue a sua enorme riqueza pelos seus parentes, pelos seus amigos, pelos pobres, pelos seus operarios, associando-os com o capital importante de cento e vinte contos nos interesses da fabrica, e pelos surdos mudos, pelos hospitaes, e por todos ou quasi todos os estabelecimentos de beneficencia.

O elogio de João Paulo Cordeiro está ahi, é esse testamento que mostra melhor o homem do que o poderiam fazer todas as biographias.

O seu cadaver foi embalsamado e conduzido ao cemiterio com um acompanhamento excepcional e o concurso enorme de povo, ficou dormindo o ultimo somno no mesmo jazigo em que repousam os restos mortaes do dr. Caetano José Ferreira de Moraes, o seu grande amigo e protector.

Paz á sua memoria.

S. SALVADOR DO CONGO

Depois do fallecimento do infante D. Henrique (1460) os descobrimentos maritimos continuaram com alguma lentidão, durante o reinado de D. Affonso V, entretido ao principio com guerra intestina, depois com as conquistas na Berberia, e finalmente consumindo a sua actividade e valor na infructuosa guerra de Castella, de que tantos prejuizos vieram ao reino.

Seu irmão, o infante D. Fernando, foi pouco vivedouro, e com quanto proseguisse os projectos de seu tio e pae adoptivo, o grande infante D. Henrique, atalhou-o a morte no começo das suas emprezas.

Subido ao throno D. João II, ao passo que reorganisava politica e administrativamente o reino, o seu grande espirito, apreciador de tudo o que era grande, dedicou-se com afan ao proseguimento das navegações. Em quanto as suas caravellas e barinéis sulcavam o oceano austral em busca de novas terras, os seus emissarios dirigiam-se por terra ás partes do oriente, a tomar informações seguras e certas que podessem auxiliar os navegadores nas suas viagens.

Descoberta, na generalidade, toda a costa occidental de Africa, o seu limite austral, Cabo da Boa Esperança, e ainda sessenta legoas pela costa oriental, em quanto tomava forças para proseguir aquelle caminho, procurava o monarcha, pouco a pouco, reconhecer miudamente as terras descobertas, e estabelecer relações commerciaes, civis e religiosas com os seus habitantes.

Em 1485 descobriu Diogo Cam, um dos mais famosos navegadores d'aquelle tempo, a bocca do Zaire, — que uma pretensão absurda e estulta, quer hoje alcinhar de Livingstone, — levantando logo na ponta sul o padrão de S. Jorge, um dos que D. João II lhe entregara, pelo que ella ficou sendo chamada *ponta do padrão*, nome que ainda hoje conserva. Entrando o rio, que achou de boas margens e abundante de aguas communicou com os seus habitantes mansos e nada offensivos, com os quaes deixou estabelecidas relações.

Soube que era a terra o reino de Congo, e trazendo alguns habitantes, como amostra, deixou

alli alguns portuguezes em refens. D. João II flogou muito com a vista dos negros do Congo, presenteou-os, vestiu-os, agasalhou-os, fez-lhes dar algumas noções da religião christã, escaças como não podiam deixar de ser, visto o pouco tempo e differença de lingua, e pouco depois tornou a entregal-os a Diogo Cam, que partiu com outra frota, chegando de novo ao Zaire em 1486.

Mandando apresentar ao rei do Congo os seus fidalgos e patricios regalados pelo nosso rei, e entregando áquelle os presentes que este lhe enviava, recobrou os refens que alli deixara, seguindo em seus descobrimentos até o Cabo Negro. D'alli voltado ao Congo, viu-se com o rei que o tratou muito bem, e o despediu, mandando seu embaixador a Portugal com um presente de marfim e pannos de palma, e junto com elle alguns moços das principaes familias, para se educarem em os nossos costumes e se instruirem na nossa religião, a cuja doutrina se mostrava inclinado. Mandava tambem pedir ministros da religião e officiaes mechanicos, para ensinarem o seu povo.

Isto resolveu o monarcha a organizar uma expedição mais consideravel, que, sob o commando de Gonçalo de Sousa, para alli partiu em 19 de dezembro de 1490, levando alguns padres da congregação de Santo Eloy, artiices e tudo o mais necessario para satisfazer os desejos do rei do Congo, e firmar as boas relações com o seu povo.

Chegada a expedição ao Congo, em 1491, conseguiram os missionarios trazer ao gremio da religião catholica o rei, a rainha, seu filho primogenito D. Affonso, parte dos grandes e povo do reino, e começou logo na capital *Ambassa*, chamada em seguida *S. Salvador*, a construção da igreja cathedral, da invocação de Santa Cruz, cujas venerandas reliquias a nossa estampa representa.

Em 1493 veio novo embaixador, ou o mesmo a Portugal e aqui se demorou mais de seis mezes. No entanto no convento de Santo Eloy estavam sendo educados e instruidos os moços negros; as relações tornaram-se muito estreitas entre os portuguezes e os negros do Congo. Os portuguezes viviam ali muito socegados e fazendo o seu commercio, exercendo as artes mechanicas, havia mestres de leitura, e em summa todo o necessario para atrair uma colonisação vigorosa.

Desconfiança natural dos negros, junto a faltas e excessos dos portuguezes, fizeram perder tão boa semente; o rei começou de aborrecer a nova doutrina, desterrou o filho D. Affonso, e por sua morte deserdou-o, entregando o reino a um filho mais novo; comtudo á nova da morte do pae aquelle ajudado apenas de 36 subditos fieis poude debellar os contrarios e tomar posse de sua legitima herança. A fidelidade e dedicacão d'este D. Affonso foi grande para nós, mas muito mal secundada por quasi todos os portuguezes que estavam em suas terras, como se pôde vêr das suas cartas de pag. xiii em deante da *Historia do Congo* (documentos) do fallecido Visconde de Paiva Manso.

Aquelles restos venerandos, testemunho evidente e ainda de pé dos nossos trabalhos de ha quatro seculos, estão chamando-nos e dizendo: «Eis a obra que começaram vossos avós; vinde aqui; respeitae-a continuae-a, e completae-a, que os vossos netos vos abençoarão, como vós deveis abençoar os que vos precederam, embora commettessem alguns erros.»

BAIXO RELEVO ENCONTRADO EM ELVAS

A alguns metros do revelim da praça de Elvas foi descoberto em tempo, em uma escavação que ali se fazia, o baixo relevo, que hoje damos em gravura.

As noções erradas relativas ao Deus *Endovelico*, um dos deuses dos habitantes da peninsula ibérica anteriores ao dominio romano, fizeram com que o collector, o fallecido sr. D. Luiz Vermell, tomasse este baixo relevo como representação d'aquelle deus, fundado de certo na opinião de La Clede e outros, que fizeram d'elle o deus do Amor.

A excepção d'esta, nenhuma das opiniões emitidas com relação ao deus *Endovelico* desde André de Resende até D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, nos podem levar á conclusão de que este deus tivesse attributos pacificos. Quer o seu nome provenha do radical celtico *End* (o senhor e deus) combinado com outro nome estranho *Belus*, *Baal*, divindade phenicia, ou provenha de uma transformação de *Eneualios* ou *Enyalios*, belicoso, um dos mais antigos attributos

do Ares (Marte) grego, sempre o seu caracter é o de um deus guerreiro.

Não pôde pois convir tal designação ao genio indicado no baixo relevo.

Este representa evidentemente o deus do amor, na sua mais completa nudez. O rosto está esburcinado e por isso não se pôde reconhecer se trazia a venda ou não. O deus parece estar deitado, sobre uma pelle de leão provavelmente; tem a cabeça apoiada na mão esquerda, com a direita segura a corda do arco; o facho apezar de aceso, está tambem lançado ao seu lado; não depoz o carcaz que se conserva seguro ao corpo; a asa direita descae naturalmente, a esquerda um tanto levantada interpõe-se á mão esquerda e á pelle de leão.

Posto que bastante damnificada a esculptura accusa em certos pormenores a perfeição de arte romana, de que tantos exemplares ha e se vão descobrindo no nosso paiz, e podem ser examinados em varios museus; no do Algarve especialmente, ha alguns que já descrevemos e outros que os curiosos poderão examinar.

ATTENTADO CONTRA A RAINHA DE INGLATERRA

Na tarde de 2 de março proximo findo, tinha-se reunido na estação do caminho de ferro de Windsor grande multidão de povo, para saudar o regresso da rainha Victoria ao palacio, depois da sua viagem ao continente.

O comboio real chegou á estação eram 5 horas e 25 minutos da tarde. Sua Magestade era acompanhada pela princeza Beatriz, e pela sua comitiva de damas e gentis-homens.

Apeou-se e esteve por pouco tempo na sala de espera, seguindo depois n'uma carruagem com a princeza. O povo que se tinha apinhado na gare retirou-se para fóra da estação, afim de ver melhor a passagem da soberana.

A carruagem puchada por duas parellhas, sahiu a passo seguida dos trens que transportavam a comitiva real. Chegando á porta principal da gare, um individuo mal vestido, que alli se achava, puchou por um revolver e disparou sobre a carruagem da rainha. O tiro foi distinctamente ouvido pela multidão, e isto na occasião em que esta levantava os vivas de saudação á soberana. Felizmente o chefe de policia do districto, e outros funcionarios estavam proximos e lançando-se immediatamente ao criminoso prenderam-no, evitando que elle fizesse de novo uso do revolver, que lhe foi tirado.

O povo indignado quiz fazer justiça por suas mãos, o que as auctoridades evitaram, conseguindo levá-lo para a estação, donde o transportaram para a da policia.

O tiro não acertou, e segundo o exame a que se procedeu no revolver, viu-se que este ainda tinha duas cargas com balla e duas desemballadas, sendo de presumir que o criminoso descarregou um dos cartuxos sem balla, porque nem na carruagem nem em outro sitio se encontrou o minimo vestigio de projectil.

A rainha não soffreu, portanto, coisa alguma, conservou a sua serenidade, o que não succedeu ás damas, que ficaram tomadas de terror e só se tranquilisaram depois de saberem que nada tinha succedido de desastroso. A rainha chegada ao palacio mandou logo saber se tinha ficado algum ferido, telegraphou para o principe de Galles, participando o successo, e depois jantou-se no palacio real, como se tal coisa não tivesse havido.

O criminoso chama-se Rodrigo Maclean, tem vinte e sete annos de idade, é caixeiro de merceria, desempregado. Viveu por algum tempo em Southsea, recebendo uma pensão de sua irmã residente em Craydon, que de tempos a tempos lha enviava em valle de correio.

Declarou que o seu unico motivo para tentar contra a vida da rainha Victoria fora a miseria e fome em que vivia.

As auctoridades mandaram proceder a inquerito e a pedido da rainha o criminoso foi examinado por medicos, que declararam que estava em seu juizo perfeito, e as auctoridades declararam tambem que era impossivel que se o homem soffresse fome, tivesse dinheiro para comprar um revolver americano de Colt.

O reo foi entregue ao poder judicial.

Por toda a parte se fizeram demonstrações de regosijo por haver fallado esta tentativa, e de toda a parte do paiz e do estrangeiro chegaram telegrammas de felicitação.

Em Londres o principe de Galles tendo recebido o telegramma da rainha, foi ao theatro para tranquilisar o povo que estava ansioso por saber a verdade. As aclamações foram ahi estrepitosas.

O corpo diplomatico foi nessa mesma noite apresentar as suas felicitações ao principe ao seu palacio de Malborough-house.

Apesar do que acima se diz é natural que o assassino seja dado por doido, por que é hoje impossivel cumprir a lei ingleza ainda em vigor contra criminosos de tal natureza. Alem d'isso a rainha interessa-se pela salvação do deliquente.

UMA TOURADA EM LIMA

NOS TEMPOS COLONIAES

(Conclusão)

«Pois houve, continúa o distincto amator, nos ultimos tempos, uma voz tão vigorosa e estridente, que sobressahia a toda aquella algazarra. Era a de um espectador, que conseguiu por isso a celebridade, o sr. José Maior, um dos homens mais entendidos em assumptos taumachicos, que tenho conhecido.

«Foi o terror dos artistas, com as suas peras, como elle lhes chamava. E realmente era para temer, porque os seus ditos revelavam uma certa critica intelligente e rigorosamente artistica, alem de muito graciosos e por vezes picantes.»

A affluencia á corrida, n'aquelle dia, era extraordinaria.

A uma da tarde achavam-se todos nos seus logares.

Era a hora de começar a funcção.

Uma força de infantaria, precedida de uma banda de musica, tudo em trajo de gala, avançou em columna cerrada até ao centro da praça.

Esta tropa executou evoluções complicadas, apresentando em cada uma d'ellas figuras vistosas, como, por exemplo uma estrella, uma torre, as aspas de um moinho girando sobre um eixo, o que o capricho inventava; e, passada meia hora, figurou um ataque em todas as direcções, do qual resultou ficar a praça limpa de gente.

A ultima manobra, que concluiu no meio dos applausos da multidão, denomina-se *el despejo*.

Acto continuo, abriu-se a porta fronteira ao camarote do vice-rei, começou a desfilar a quadilha brilhante, com os seus fatos especiaes — na frente os espadas, em seguida os bandarilheiros e capinhas a pé, e, por ultimo, os capinhas, picadores e garrochadores a cavallo.

Atravessaram a arena proccionalmente, fizeram a sua continencia ao vice-rei, e logo correram a occupar os seus logares, ou antes a tomar as posições estrategicas para esperar o touro.

Entretanto os *bichos* davam fortes marradas nas taboas do curro.

Dos milhares de boccas presentes não sahia palavra.

Não temos arautos recebendo das mãos *del juez de plaza* a chave do curro.

Um toque de corneta e quatro volantes annunciaram a presença do boi, que sahira á praça, como uma frecha, pela estreita porta do touril. Vinha engalanado com fitas de côres vivas e um immenso mandil de setim carmesim bordado de ouro.

Correu em varias direcções, e, não encontrando a quem *accommetter*, cravou as armas no solo, levantou em seguida a cabeça, e olhou com curiosidade desprezante a população que o saúda com imprecações e applausos.

Subito, apresentou-se-lhe um cavalleiro.

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 117)

Joanna com os braços escondidos no avental, olhava para tudo isto com uma seriedade imperturbavel.

Quando a altereação acabou, ella disse approximando-se do escrivão do regedor:

— Que gente esta, até os dedos lhe parecem hospedes? Agora é que vae ser bonito. A minha pobre senhora é que os conhecia bem. Olhe, olhe!

E apontava com o dedo para o conego e para o merceeiro, que pareciam dois gallos na mesma capoeira.

— Este testamento tem data posterior ao seu.

— Cinco annos, menino, confirmava a mulher

do sr. Dourado, contando pelos dedos.

— Cinco annos, repetiu elle.

— Nesse caso foi uma burla que me fizeram?

Pois eu sou grosso para palito e mau para brincadeiras.

O regedor dispunha-se para proceder á leitura, mas o auditorio estava tão exaltado que ninguém lhe dava attenção.

Não vale assustar, que não se trata da repugnante scena dos modernos picadores hespanhoes, d'essa lucta barbara entre o homem insciente que pretende deter o animal com o seu pique acerado, e a besta que diligencia derribal-o da faca lazarenta; não, não se vai ver a pelle do touro, rasgada brutalmente pelo pique, vertendo sangue; os paus do boi penetrando, a cada instante, nos intestinos do pobre cavallo do grosseiro lidador; e este, sempre em perigo, cahindo amiudadas vezes, e salvando-se, mercê da habilidade dos seus companheiros que distrahem com presteza a attenção do touro.

— É triste, realmente! ouvi eu um dia exclaimar um Argentino na praça da Union, em Montivideo, ao representar-se uma scena d'estas. É desanimador, meu amigo! Fóra das bardas da praça, campos verdes, arvoredos brilhantes, moinhos, searas; dentro, a arena ensanguentada, forças e intelligencias desperdiçadas, animaes estropeados e perdidos para a industria. Alli, o trabalho que aproveita o tempo; aqui, a ociosidade que o despreza; alli, os brutos servindo o homem; aqui, o homem torturando os brutos. Parece impossivel que a rasão e a justiça estejam algumas vezes do lado das bestas, e que sem rasão e a barbarie estejam do lado do homem! O homem converteu-se em fera e a fera em homem.

E' absurdo, mas é verdade, que o ser racional fere e mata por divertimento, e que o irracional combate para ensinar-o a respeitar a vida e a dôr!

«Só ao mau gosto, diz por seu lado o artista que escreveu as judiciosas *palavras acerca das corridas de touros*; só ao mau gosto de certo publico se pode attribuir a decadencia a que chegou o toureio a cavallo n'estes ultimos tempos, em que são levados ás praças cavallos que apenas se arrastam como victimas que vão ser das investidas dos touros, e destinados tão sómente a augmentar o numero dos mortos. Para prova de que não foi assim na sua origem, bastará ver José Delgado Hillo, que na sua *arte de tourear a cavallo e a pé*, diz o seguinte: Um dos principaes cuidados que os picadores devem juntar ao seu conhecimento, é a escrupulosa *escolha* de cavallos a proposito para resistir ao combate d'uma fera de tão reconhecido valor como é o touro. Montes diz: O toureiro a cavallo deve ter valor, um physico robusto, e perfeito conhecimento da sua arte, além de ser cavalleiro consummado.»

O nosso cavalleiro era um capinha. Montava, garbosamente, um cavallo preto como azeviche, fofoso e leve como os de raça arabe. Montes nada teria que dizer.

O touro investiu-o, e o cavalleiro defendeu-se graciosamente, com uma capa azul que arremessou á cabeça da fera, dando voltas entretanto para evitar os ataques.

O publico, a cada sorte, atroava o espaço com as suas acclamações.

Outro toque de corneta indicou aos capinhas a pé o seu turno.

Seis homens correram sobre o touro, levando por armas apenas umas capas encarnadas no braço.

Dispersaram-se, rodearam o animal, e cada um affrontou a investida, capeando, burlando com movimentos rapidos a furia do ataque.

A capa de côres vivas attrahia o touro, que procurava o inimigo atraz d'ella e achava o vacuo. Um exercicio bello, como o primeiro, sem nada repugnante, em que os toureiros mostra-

— Ora viva, exclamava o conego assoprando de uma maneira desmesurada, o que está ali escripto sei eu.

E o regedor:

— Mas oiça, dizia o merceeiro, oiça.

E o regedor:

— Então meus senhores, queiram prestar attenção.

— Não seja imprudente, acrescentava o sr. Dourado, já em tom reprehensivo.

O conego hirto, quasi apoplectico, clamou de murro fechado, dirigindo-se ao merceeiro e fazendo umas enormes caretas, em que traduzia toda a profundeza do seu rancor.

— Deixou-lhe tudo não é assim? deixou-lhe tudo? Pois fique sabendo que foi uma grande tratantice, uma pouca vergonha que não se me devia fazer.

— Não me diga isso padre, respeite ao menos quem ali está.

E apontava com gesto magestatieo para o fundo da alcova.

O conego bracejando sempre, respondeu:

— Olhe, sabe que mais? tão bom é vossê como era ella.

ram um valor, agilidade e elegancia pouco communs. Caçado o animal n'esta lucta, fez-se desentendido, e começou a coçar-se muito tranquilamente, buscando assim um descanso á fadiga.

Terceiro toque chamou os bandarilheiros.

Um d'elles armou-se de duas bandarilhas, com agudas pontas de metal, e correu a desafiar o touro a meia praça. O animal escarvou o solo, attentou por momentos no seu novo inimigo e *accommetteu-o*. O bandarilheiro precipitou-se, cravou-lhe as farpas no cachaço, e evitou a marada com um lance em virtude do qual a fera passou entre o corpo e a distancia que descreviam os braços postos em fórma de arco.

O touro desesperou, cobrou novos brios e arremetteu contra o segundo bandarilheiro, que, com a mesma pericia, lhe poz outras duas bandarilhas. Bramou, investiu de novo, e recebeu mais tres ou quatro pares de ferros.

Este trabalho é, talvez, um pouco chinho deshumano; mas tem muito de artistico pelas attitudes plasticas dos luctadores.

Interessa tanto tudo o que, sobre elle, nos diz o auctor das *Duas palavras acerca das corridas de touros*, que, de boamente, o transcreveriamos. Não o fazemos, porem, porque não queremos prejudicar-lhe a venda.

Houve um momento de espera e anciedade. Tocara-se a matar.

Toda a gente sabe (e se não o sabe, fica-o sabendo) que o boi, se é *puro*, planta-se no meio da praça, fere o terreno com as patas e solta mugidos de dôr e raiva: é a natureza que se queixa do homem.—Se o animal não é dos que os amadores hespanhoes chamam de *buena sangre* ou *buena ley*, rodeia a trincheira com passo accelerado, mede-lhe e altura e trata de a saltar: é o instinto da conservação que procura a salvação na fuga.

Em qualquer dos casos o povo enfurece-se: quer a morte do valente, porque o irrita a força; quer a morte do cobarde, porque despreza o medo.

O touro corrido era dos primeiros.

O matador entrou na arena e encaminhou-se para elle, a passo, levando na mão esquerda uma bandeira vermelha, e na direita uma espada. Ia começar a lide.

O touro escarvava o chão e bramava.

O *espada* complimentou-o, cobriu o ferro com a bandeira, e chamou-o. O animal investiu furioso; mas só encontrou o vacuo, porque o inimigo lhe furtara o corpo. Voltou e arremetteu de novo contra o seu dextro adversario: cambaleou e caíu, dando gemidos de impotencia e agonia. O *espada* aproveitara este segundo ataque para lhe atravessar o coração.

Os assistentes, que seguiam todos estes lances com avidez, mudos e sem pestanejar, proromperam em estrepitosos applausos. As musicas e foguetes saudavam a victoria.

Desnecessario é dizer que, se o golpe fosse mal dirigido, se o martyrio do animal se prolongasse, choveriam pragas e insultos sobre aquelle que ora tinha um altar em cada coração.

Em quanto o *espada* recolhia as moedas e outras dadivas que lhe atiravam dos camarotes e galerias, dois pretos, montados em cavallos bem ajaezados e emplumados, retiravam da praça o cadaver do touro.

E assim, na mesma ordem, mataram n'aquelle dia doze touros, repetindo-se, pouco mais ou menos, as mesmas scenas, com a differença de

N'isto voltou-se para o lado em que estava o corpo, e proseguiu furioso:

— Ah! grandissima velhaca, que até á ultima me enganaste! Bem empregado latim que estraguei em te encomendar essa alma vil de chicharro podre.

O regedor teve ganas de prender aquelles biltres, e mettel-os a ambos na primeira estação municipal.

Revestiu-se porem de toda a sua prudencia, e observou de uma maneira quasi eloquente:

— Senhores, eu represento aqui a lei, e a lei não pode permittir que se desacate um morto, e se fale á consideração devida a uma auctoridade no exercicio de suas funcções.

— Apoiado, muito bem, rematou o merceeiro.

— Meus senhores, attenção.

Final fez-se a leitura do segundo testamento. Quando ella concluiu, o padre pôz o chapéo na cabeça, e disse:

— Sim senhores, fui muito bem roubado.

— Ó meu amigo, respondeu-lhe o merceeiro: quem com ferro mata, com ferro morre.

(Continúa).

LEITE BASTOS.

morte, que umas vezes foi com espada, como a primeira, outras com garrocha, punhal ou pique.

A corrida acabou ás quatro horas da tarde. Aquella, a que eu assisti em Montevideo, terminou ás cinco, e á sahida disse-me o meu companheiro:

— Praças de touros, as de Portugal. Essas, sim. As de Hespanha são escolas de verdugos, espetaculos de nações em decadencia. Seria temerario afirmar que todos os que as frequentam se recreiem na dôr e no martyrio. Sei que os amadores d'estas luctas admiram n'ellas a superioridade e valor do homem, e consideram-nas como simples exercicios de agilidade. Imaginam assistir a um gymnasio sem trapezios. Mas a verdade é que a generalidade vem gozar na lucta, no combate e na dôr. E é por isso que as considero desmoralizadoras, escolas de sangue e de morte. Em minha opinião, com franqueza, quem se costuma a matar os animaes, está a um passo do carcere e do cadafalso. Conta-se que o filho de certo verdugo, depennava os frangãos vivos. Uma lei sabia, humana e previdente, devia acabar com espectaculos que descendem da barbarie romana. O homem tem outros theatros e outras luctas em que exercitar a sua intelligencia e a sua força. O hespanhol, matador de touros, é um anão: o matador de lobos de Chicago é um gigante. Corremos o passo ao toureiro hespanhol: abramos caminho ao *pionneer*. Aquelle educará espadachins de taberna: este levantará habitações ao homem, escolas ao cidadão.

Francisco de Almeida.

Luciano Lopes e Lopes, José Maria Alves Pinheiro, José Custodio da Silva Ferreira, José Augusto Kopke de Severim e Sousa, Manuel de Barros, Octavio Oscar da Guerra Leal e Thomaz d'Aquino Borges.

D'estas festas deu o OCCIDENTE noticia em o n.º 63 do 3.º volume acompanhada de uma gravura representando a regata em Botafogo.

dario, tabellas annuncios, uma interessante parte litteraria illustrada, etc.

A ARTE PORTUGUEZA, revista illustrada de Bellas-Artes publicada pelo Centro Artístico do Porto, n.º 3 de 1 de março. Este numero é mais fraco em desenhos que o antecedente, isto attendendo ao titulo d'esta publicação que implicao bem representar a arte nacional. Na parte litteraria publica artigos muito interessantes firmados pelos srs. Manuel M. Rodrigues, F. Martins Sarmiento e Joaquim de Vasconcellos.

SCIENCIA PARA TODOS, revista semanal illustrada, redactor Francisco d'Almeida. n.ºs 7, 8, 9, 10 e 11. Tem seguido regularmente a sua publicação este periodico que presta um verdadeiro serviço á instrucção publica, pela grande somma de conhecimentos scientificos que vulgarisa. A necessidade de saber é cada vez mais imperiosa, pela rasão de cada vez ser mais instante a necessidade de trabalhar, por isso os conhecimentos scientificos, mesmo os mais elementares, como base de todo o trabalho, devem ser a principal instrucção do povo. É esta grande aspiração que a *Sciencia para todos* vaé realisando, ministrando leitura util e barata.

PREMIO COMMERCIO DO PORTO, instituido por Eduardo Lemos. Typ. e Lith. Moreira Maximo

& C.ª, Rio de Janeiro. É um folheto de 24 paginas em que se faz a historia da distribuição de doze exemplares dos Luziadas, edição do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, aos alumnos de instrucção secundaria, que mais se distinguiram nos estudos das escolas do Porto no proximo anno findo.

Este premio foi generosamente offertado pelo digno presidente do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, o sr. Eduardo Rodrigues Cardoso de Lemos, e encarregado de fazer a distribuição a redacção do «Comercio do Porto» a qual se desempenhou honrosamente d'este encargo, realisando para esse fim uma sessão solemne na sala da Associação Commercial do Porto.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

HISTORIA DE PORTUGAL ILLUSTRADA, edição da Empreza Litteraria de Lisboa, fasciculo 41 do 3.º vol. de 24 paginas e uma gravura «É esta a moeda com que El-rei de Portugal paga os seus tributos», representa a situação em que Affonso d'Albuquerque proferio estas memoraveis palavras.

ALBUM DAS GLORIAS, n.º 25 com um desenho de Raphael Bordallo Pinheiro, representando o sr. infante D. Augusto.

REVISTA UNIVERSAL, periodico illustrado. Proprietario director Henrique Gorjão, typ. e lith. Portugueza, Lisboa. N.º 1 que saiu a publico em 18 de março, publicação litteraria illustrada e com uma secção de *Theatros e Salas*.

RELATORIO DA GRANDE COMMISSÃO PROMOTORA DO FESTEJO MARITIMO COMMEMORATIVO DO CENTENARIO DE CAMÕES ETC. Typographia e lithographia de Moreira Maximo & C.ª Rio de Janeiro. N'este relatorio se dá conta das festas maritimas que, por occasião do centenário de Camões, se realisaram no Rio de Janeiro no dia 13 de junho de 1880. Estas festas tiveram logar na enseada de Botafogo e foram os seus promotores os srs. Antonio J. Xavier de Faria, Antonio F. de Barros Jordão, Antonio Rodrigues Martins Junior, Antonio Cibrão, Antonio Victorino de Macedo, Augusto Sampaio Leite, Adolpho P. Pinheiro, dr. Francisco Teixeira de Sousa Alves, Domingos Braga, Ernesto Werneck Teixeira de Castro, Gabriel Brandon, Henrique Resse, José Luiz Caetano da Silva, José

A VOLTA DO MUNDO jornal de viagens e assumptos geographicos, Empreza Litteraria Luso-Brazileira editora, Lisboa. N.ºs 2, 3 e 4 do 11 anno relativos a 15 janeiro 1 e 15 de fevereiro. N'estes numeros continuam os assumptos a que já nos referimos ao darmos a noticia do n.º 1, e devemos lembrar que este periodico está publicando



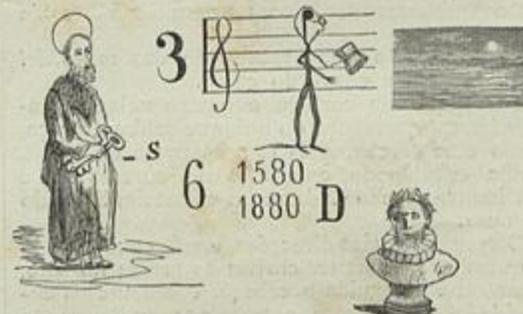
MACLEAN, AUCTOR DO ATTENTADO CONTRA A RAINHA VICTORIA — 2 DE MARÇO DE 1882

os excerptos da viagem do major Serpa Pinto, acompanhados de boas gravuras.

É uma publicação muito limpa e que merece a attenção do publico.

ALMANACH ILLUSTRADO DAS HORAS ROMANTICAS, 1882. De 160 paginas contendo, além do kalen-

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

A mulher que dá no homem, na terra do Demo morre.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

VIAGEM Á RODA
DA
PARVONIA
PELO COMMENDADOR
GIL VAZ

Anotado pelos principaes escriptores.
Illustrações de Manuel de Macedo
A obra de mais fina critica dos tempos modernos.

À VENDA
NA
EMPREZA DO OCCIDENTE
PREÇO 500 RÉIS
Envia-se para as provincias franco de porte.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL
PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Illustrado com mais de 50 gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lithographia

É o almanach mais elegante que se tem publicado em Portugal, e é uma completa novidade.

PREÇO EM LISBOA. 240 RÉIS

À venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empreza.

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, 43 — Lisboa.

CAPAS CARTONADAS
PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empreza do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Recebem-se volumes para encadernar n'estas capas por 1\$200 réis.